

## PROSPERIDADE E FIDELIDADE

A prosperidade é um dos temas mais apreciados por uma grande parte dos evangélicos, principalmente os de linha carismática e neocarismática. Surgido nos Estados Unidos em meados de 1940 o movimento denominado *confissão de fé* veio introduzir entre os evangélicos a *teologia da prosperidade* que no Brasil foi propagada por uma série de igrejas que ainda hoje sobrevivem em função da ênfase em curas, bênçãos materiais e poder espiritual. Natanael Rinaldi define a *teologia da prosperidade* da seguinte maneira: “é o ensino segundo o qual o cristão autêntico é conhecido por possuir ótima saúde física e boa situação financeira. Cristão que vive choramingando com doenças e problemas financeiros é porque não está bem espiritualmente: ou está em pecado ou não tem fé. Crente não deve ser pobre, nem doente. Pobreza e doença são as marcas de pessoas dominadas pelo diabo” (A falácia da Teologia da Prosperidade. *Obreiro*. São Paulo, (2), 1997. Página 13). Para sustentar tal ensino as igrejas ligadas à *teologia da prosperidade* introduziram elementos estranhos em sua eclesiologia e liturgia. Os cultos se transformaram em uma espécie de *show da fé*, a busca pela riqueza material se tornou a principal preocupação dos crentes e conseqüentemente o dinheiro assumiu um lugar de destaque dentro dessas igrejas. Ofertas, campanhas e promessas do tipo ‘quem dá mais recebe mais’ se tornaram comuns em muitas igrejas e acabaram levando a sociedade a fazer uma associação negativa entre os evangélicos e o dinheiro. Piadas e críticas mordazes foram feitas a todos os evangélicos e não apenas aos adeptos da *teologia da prosperidade*. Desconsiderando as diferenças entre as Igrejas e suas respectivas doutrinas a sociedade castigou a todos os evangélicos com um olhar de reprovação no que se refere à postura diante do dinheiro.

Talvez seja por esse motivo que as igrejas tradicionais como a nossa se calaram no que diz respeito à visão bíblica sobre o dinheiro. Tentando se defender de qualquer crítica e mostrando discordar do posicionamento assumido pelas Igrejas ligadas à *teologia da Prosperidade* as igrejas tradicionais acabaram indo para um outro extremo e abafaram temas relevantes de sua doutrina como o dízimo e a própria mordomia. Se por um lado nos protegemos de qualquer possível ataque, afinal falar sobre dinheiro em nossos púlpitos foi praticamente proibido, por outro lado não advertimos os crentes acerca da sua fidelidade para com Deus na área financeira. Uma geração que nada ouviu sobre o dízimo ou ofertas começou a nascer nas igrejas tradicionais e por negligência ou mesmo ignorância muitos membros de nossas Igrejas aceitam com facilidade doutrinas como a redenção, santificação ou justificação mas negam ou até desconhecem a doutrina do dízimo.

A doutrina do dízimo não é nova: ela acompanha toda a história bíblica aparecendo pela primeira vez em Gênesis 14:20 através de Abraão. Aparece nas orientações de Deus para o povo de Israel (como em Levítico 27:30) e no antigo testamento tem seu auge no livro do profeta Malaquias quando Deus enfatiza: “Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida” (Malaquias 3:10). Jesus faz menção do dízimo em Lucas 11:42 reafirmando seu valor e o livro de Hebreus também o destaca como um elemento importante da vida cristã através do exemplo de Abraão (Hebreus 7:2, 4). Muitos há que são contrários ao dízimo e dizem que ele só era válido na

época do antigo testamento. Tal pensamento demonstra total despreparo teológico e bíblico. P.K.D. Lee nos lembra que Jesus, no sermão do monte, “enfatizou que deveríamos dar muito mais do que no tempo do antigo testamento. O antigo testamento diz que o homem não deve matar, mas o novo testamento diz que não devemos sequer nos irar sem causa. Em vista disso, se no antigo testamento eles davam o dízimo, no novo testamento muito mais é esperado de nós. É provável que quando o novo testamento fala sobre dar, o dízimo esteja incluído, uma vez que todos davam o dízimo” (*Liderando com excelência*. SOCEP/HAGGAI. 2001. página 82). Encontramos o apóstolo Paulo dizendo: “Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria” (2 Coríntios 9:7). Esse infelizmente não é o sentimento de muitos cristãos que abertamente são anti-dizimistas e sempre tem alguma desculpa para não entregar seu dízimo. A afirmação de Deus em Malaquias 3:8 é válida para muitos: “*Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas.*”

Nós batistas nunca nos envergonhamos de entregar nossos dízimos. A doutrina do dízimo é para nós tão importante quanto qualquer outra e não precisamos esconder nossa fé em um Deus que nos pede fidelidade em nossa vida financeira. Sem qualquer imposição emocional ou mecanismo de manipulação exortamos a todos os crentes em Cristo que sejam fiéis na dedicação a Deus de seus dízimos e ofertas a fim de que a Obra de Deus continue a se expandir e a evangelização do mundo se concretize a começar em nossa vizinhança. Mas tal exortação também se deve a nossa própria maturidade espiritual. Deus promete “*abrir as janelas do céu*” e “*derramar sobre vós bênção sem medida*” (Malaquias 3:10). Ser dizimista é participar também dessa promessa de Deus. Por outro lado, deixar de fazê-lo é incorrer no grande risco citado por Ageu 1:6 - “*Tendes semeado muito e recolhido pouco; comeis, mas não chega para fartar-vos; bebeis, mas não dá para saciar-vos; vestis-vos, mas ninguém se aquece; e o que recebe salário, recebe-o para pô-lo num saco furado.*”

Os batistas no passado tinham como um de seus lemas ‘cada batista um dizimista.’ Em tempos de tanta confusão doutrinária não podemos perder as doutrinas que ainda hoje fundamentam nosso modo de ser cristão. Creia na fidelidade de Deus e em obediência à sua Palavra passe a ser um dizimista. E, diante de críticas e até zombaria, não desista de ser fiel a Deus. Jesus disse àqueles que zombavam e escarneciam dele na cruz: “*pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem*” (Lucas 23:34). Não podemos abandonar nossa fidelidade em função do que a sociedade pensa. Sejam como bons batistas bons mordomos e com alegria dediquemos a Deus em primeiro lugar nossas vidas e também nossos bens.

Deste que quer vê-lo próspero sobretudo na vida espiritual,  
Pastor Dr. Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez